

A Folha d'Ovar

FOLHA LITTERARIA E NOTICIOSA

ASSIGNATURA

Assignatura em Ovar, semestre..... 500 réis
Com estampilha..... 600 »
Póza do reino accresce o porte do correio.
Pagamento adiantado.
Annunciam-se obras litterarias em troca de dois exemplares.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — LARGO DE S. MIGUEL

DIRECTOR E RESPONSÁVEL

M. GOMES DIAS

PUBLICAÇÕES

Publicações no corpo do jornal, 60 réis cada linha.
Annuncios e communicados, 50 réis; repetições, 25 réis. — Annuncios permanentes, 5 réis.
25 p. c. de abatimento aos srs. assignantes.
Folha avulsa, 20 réis.

Ovar, 18 de maio

Ainda hoje nos occuparemos da questão academica, que tão maus resultados produziu.

Haviamos dito que a academia tinha razão e que o governo não andará bem em *escorraçal-a* d'uma maneira tão severa, desde o momento que tinha a certeza de tratar com uma academia honrada e digna, e a consciencia assevera-nos que dissemos simplesmente a verdade.

Pois não é certo que a medida tomada pelo governo foi exaggerada e durissima?

Por Deus! Já nos parecia que se tratava de abafar uma conspiração contra Sua Magestade Fidelissima!

Aquellas manobras militares, aquelles tetricos editaes, ou por outra, mandados de despejo, o alvoroço geral, tudo enfim prognosticava uma guerra civil, um attentado contra as leis vigentes!

Mas qual! Nada d'isso! Todo esse bélico apparatus tinha uma causa unica: a expulsão da academia dentro em 24 horas!

Pasmae, povos do Universo! Tremei, santos dos altares!

O sr. reitor, praticando uma arbitrariedade, fez com que o governo pozesse em vigor a lei marcial na cidade de Coimbra.

E, dizemos nós, praticou uma arbitrariedade, visto que d'um modo extranho e singular mandou encerrar, incommunicavel (!), um academico, pelo motivo que todos sabem, motivo tão futil, tão banal, que define bem o odio que de ha muito o sr. reitor tinha pela academia.

Ora foi muito natural que a academia pagasse na mesma moeda ao sr. reitor, fazendo-lhe uma manifestação de desagrado, de que elle não gostou, mas que deveria achar justa.

Houveram desmandos, diz-se.

E quando, perguntamos nós, quando deixou de os haver, muito principalmente em manifestações espontaneas e calorosas? Não se diga, para desculpar a academia, que á mocidade se deve perdoar tudo, porque, como já temos visto, os velhos tambem se inflammam, e ás vezes... mais que os novos. O sr. José Dias, por exemplo, apesar de ser já um pouco *entradote*, inflammou-se de tal modo, que para satisfazer um simples capricho do sr. reitor, poz no *andar da rua* uma academia inteira! Sem querer saber das antecedencias, *arrumou-lhe* logo com as consequencias — o sabre e a bayoneta.

Fez muito bem, sr. José Dias, para se tornar mais distincto dos seus antecesso-

res, que nunca tiveram a lembrança de fechar a Universidade, tendo então motivos para isso e talvez para mais...

Pelo que se vê, o sr. José Dias não gosta de meias medidas, e diz logo o que tem a dizer.

Appoiado!

Nós fazemos o mesmo.

LITTERATURA

A EDUCAÇÃO E OS JESUITAS

A educação é o crisol que purifica o homem de seus instinctos ruins; é a scintella que lhe ha de guiar os passos errantes na vereda insondavel da natureza; é o pharol que o ha de guiar a porto de salvamento, quando estiver des-nortado no meio do turbilhão immenso dos caprichos da natureza. Por isso o homem sem educação é um nauta perdido no meio do pelago voraz e sempre avido, que se chama mundo; é uma estrella sem brilho, uma fonte sem agua, uma arvore sem fructo: por isso o homem sem educação é um terreno inculto, onde brotam mil hervas perniciosas, que afogam, apesar, ás vezes, da boa qualidade do terreno, todas as outras uteis: por isso o homem sem educação nunca póde realizar o seu fim: *perfectibilisar-se*. Educar o homem é, pois, fertilisar um terreno até ahi subventanea e infecundo; é lançar-lhe a semente que, germinando, o ha de encaminhar para o seu fim: *aperfeiçoar-se*.

De tudo isto se deprehede quão melindrosa é a educação e que responsabilidade assumem os

educadores. Os educadores não são os unicos responsaveis; grande parte da responsabilidade cabe aos que mandam educar; estes, muitas vezes, são pouco escrupulosos na selecção d'aquelles; muitas vezes, entregam os espiritos infantis nas mãos d'alguns *desalmados* que, apenas apoderados da preza, tratam de lhes desnortear os sentimentos de familia, de lhes fazer calar todos os sentimentos nobres e generosos, para fazer brotar os mesquinhos, de lhe matar o coração e baralhar o cerebro, n'uma palavra, de lhes bestialisar o espirito. Como deve ser remordente a consciencia d'aquelles que são conniventes n'uma errada educação — que faz tropeçar o homem nas difficuldades, ainda as menores — pela falta de circumspecção na escolha d'esses que lhe haviam de formar o coração e dirigir o cerebro convenientemente; pela entrega dos educandos a esses rapinantes das aspirações individuais. Como deve estar satisfeita a consciencia d'aquelles que partilham dos beneficios auferidos pela posição honrada d'um individuo, sabendo que esta posição lhe adveio mercê d'uma educação salutar de que são credores! Patentear, desmascarar esses sevandijas que embrutecem os espiritos, é o meu intento.

Bem sei que não trato esse assumpto proficientemente, porque nem estou á altura da critica, nem tenho elementos; porém, contentar-me-hei, se isto servir para abrir o appetite a alguém que possa e queira tratar este assumpto importante proficientemente, em fazel-o, como puder, desenrolar-se a todos. Devem tambem os leitores relevar ao rapaz os erros commettidos n'estas apreciações, pois o rapaz nunca teve a honra de publicar escriptos, tendo, por isso, de commetter erros, como acon-

tece a qualquer principiante. Um dos elementos educadores são os jesuitas (por jesuitas entendo, não só os padres pertencentes á Companhia de Jesus, mas ainda aquelles que, não pertencendo, apregoam a mesma doutrina). Espirito mesquinho e faccioso, intelligencia pouco lucida, consciencia larga e pouco escrupulosa, moral depravada, ideias reaccionarias, sentimentos egoistas e illustração pouco complexa, taes são os factores do producto chamado *jesuitas*...

Não quero dizer com isto que não haja entre elles jesuitas como Secchi, que, sem duvida, iria mais longe se não tivesse o espirito fanatisado. Sei bem que toda a regra tem excepção. Não se pense que sou levado por animosidade contra os jesuitas, pois julgo que elles fazem o seu negocio como qualquer negociante; elles mentem, illudem, mas hoje os negociantes põem a sua consciencia a pesar no prato que recebe os generos, salvo honradas excepções. Se quizesse acarretar o odioso sobre os jesuitas, lembraria as dissenções familiares que produzem onde quer que chegam; lembraria as discórdias produzidas por elles no Brazil, lembraria que elles, no Brazil, attrahiam a si indigenas que transformavam em machinas de trabalho pela unica recompensa do pão espiritual — isto em desfavor da Metropole — tornando-se d'este modo os fautores da escravidão; lembraria as palavras que, a este respeito, diz Rebello da Silva: «Senhores das consciencias (os jesuitas), das vontades e dos braços dos indios, pouco deixavam nas aldeias á corêa e ainda muito menos aos colonos.» Poderia apontar um numero infindo de factos, testemunhas da sua facciosidade, mas não quero metter-me na sua vida politica; quero, sim-

Folhetim da FOLHA D'OVAR

TRISTE DE QUEM AMA!

(Ao seu presadissimo amigo M. G. Dias)

Por entre as aberturas da folhagem do cypreste e da roseira em flôr, perfuravam os purissimos raios d'um luar diamantino e vinham assim illuminar o rosto do martyr que agora, exaurida a fonte do pranto saudoso, se transformou na estatua do esquecimento.

De joelhos, as mãos apertadas sobre o peito e a fronte erguida ao céu, parecia procurar attentamente entre as estrellas brilhantes o retrato da sua querida.

Os goivos e os suspiros pare-

ciam olhal-o enternecidos e lacrimosos, associando-se á sua dôr profunda.

Que de poesia n'aquelle singelo conjuncto!...

Ah! só o alevantado estylo de Dante, Shakspeare, Camões ou Victor Hugo, poderia dignamente descrever esse lance d'uma poesia tão repassada de unção divina, verdadeiramente enternecedora!...

Eu não!... que não posso alcançar com o meu acanhadissimo cerebro a sublime poesia que encerrava esse quadro tão simples, mas divino, bello e magestoso!...

Que silencio no cemiterio!

Dir-se-hia n'esse momento que a Terra era um planeta completamente deshabitado.

Em breve, porém, rebôa pelo vacuo incommensuravel uma ba-

dalada dolente, sentimental como uma lagrima...

E' uma hora da noute. O echo ao longe repete o som do bronze do campanario.

O martyr do amor desperta sobresaltado do seu profundo extasis e olha em volta de si. Levanta-se. Vê tumulos no sólo que pisa e astros brilhantes no immenso azul do firmamento.

Depois, com as palpebras meio cerradas e um doloroso sorriso nos labios, murmura uma oração.

Ah... escutemol-a... Escutemos as ultimas vibrações da harpa eólea que vae quebrar-se no rochedo da soledade, a ultima canção do vate do amor, junto da campa da virgem que amou delirantemente.

Ouçamol-o...

«Meu Deus, meu Deus!... Por que recahiria sobre mim a vossa cólera divina?... Acaso se-

ria eu um criminoso digno de castigo por ter amado com um «amor tão puro como o lyrio do «valle, tão santo como a cruz do «deserto, uma virgem casta como os anjos, formosa como as «estrellas, e por testemunhar-lhe «agora sobre a sepultura o mais «puro effecto do meu pobre co- «ração?»

«Serei ainda hoje um infame «perante vós e o mundo, por der- «ramar aqui sobre o corpo rege- «lado da minha amada as lagri- «mas da mais profunda saudade?»

«Oh! não! Não serieis Deus se «abandonasseis um desgraçado!

«Perdão, perdão! O vosso fu- «ror divino não recahiu sobre «mim.

«Parece que vos vejo sorrir «quando soffro assim e esse sor- «riso traduz a doçura com que «olhaes um vosso filho sem es- «perança na terra!

«Quereis talvez purificar a mi- «nha pobre alma, filtrando-a por «mil soffrimentos e amarguras, «para me chamardes depois á vos- «sa celestial morada!...

«E é lá que eu te vejo confun- «dida entre os cherubins, oh mi- «nha pobre flôr que tão cedo «murchaste na terra para redo- «brares de belleza e brilho na «patria dos anjos!

«Oh! sim!... que venha já «o delicioso momento em que «eu possa unir-me ao teu seio, «creança!

«Amo-te como o lyrio ama os «primeiros raios de sol que o «beijam n'uma manhã de prima- «vera. Amo-te tanto, tanto como «o desterrado ama a sua patria «distante e a avesinha captiva o «seu plumoso ninho!...

Silvestre Ameno.

(Continúa)

plesmente, demonstrar que a educação que elles ministram é retrograda, reaccionaria, deficiente e errada, tanto pelo lado physico, como intellectual, como moral.

Na continuação d'estas apreciações procurarei demonstral-o.

Porto, 30 de abril de 1892.

Hildebrand.

TEIMAS

Então, que querem? São teimas!

Preiro deitar-me após o jantar e dormir a sésta descansado, a ir metter-me n'um café, saboreando uma chavena do dito, um calix de canna e um charuto, e ter de aturar por uma boa hora as imperitincias de um amigo velho que me tome por parceiro a uma partida de damas, ou xadrez. Antes quero repoltrear-me n'uma cadeira lendo pela centesima vez o «Gui Mannering», de W. Scott, ou a «Historia dos Parlamantos», por Voltaire, que estafar as pernas em passeios pela Cordoaria, ou pela feira de S. Lazaro. Gosto mais de passar a noute á janella ouvindo os fundos suspiros da minha visinha de cabellos fulvos e olhos verdes, ou procurando no firmamento a Cassiopeia e a Vega da Lyra, que perdel-a, assistindo no Principe aos *successos* da estonteadora Geraldine.

Agrada-me mais uma caçada ou pescaria em que se devore uma succulenta merendola e se absorvam algumas canadas do verde ou maduro d'Amarante, que a exposição de rosas no Palacio de Crystal, um passeio no lago, uma festa na Sé, ou a procissão de S. Jorge.

São scismas! E' genio!

E' por isso, e só por isso, que eu, sempre que posso furtar-me ás obrigações que me constituem, quasi, prisioneiro semanal da *In-victa*, fujo e vou por esse Portugal velho fóra, a vêr se acerto prazer que me contente, estrella que me affague, ou leme que me leve a bom seguro.

Mas isso é tollice, dizia-me um d'estes dias um parente *muito parente*, que eu tenho na provincia.

—Pois não gostarás do Porto, tu, que alli foste creado (*elle queria dizer educado*), onde já deves ter lançado raizes, onde ha bons theatros, bellos cafés, excellentes passeios, animações, luxo e vida?

—Não! Embirro com tudo isso. Prefiro a vida da aldeia.

—Mas isso é ser teimoso.

—Se sou teimoso, deixal-o ser... Que te importa o meu modo de vêr?... Tenho eu culpa porventura que o mundo faça tanta asneira? E's tu capaz de me provar que elle não anda ás avessas?...

—Mas...

—Deixemo-nos de mas... não questiones os meus gostos, lê-me na *Folha d'Ovar*, e arranja assignaturas, senão... contarei alguma partidita, ouviste? Ainda assim, sempre amigos.

E voltei-lhe as costas, deixando-o a resmungar palavras incompreensíveis, os punhos cerrados, na doida convulsão do cão irritado a quem sujeita uma forte cadeira.

Desci mansamente para a rua, onde encontrei, assobiando uma ballada allemã, o Alexandre, aquelle Alexandre que ri e chora insensivelmente ao descrever aquelles... contos largos, que nós lhe ouvimos curiosamente, attentamente, e que instado para repetil-os, nos diz imperturbavel e sublime:—*Quod dixit... disse, que não dizia nada.*

O encontro valeu-me um apertado abraço.

—Ora viva o sr. bacharel, me

diz elle n'aquelle dialecto franco-hispano-latino, que aprendeu com um *barato* a doze vintens e meio a licção.

—Então que fazes tu?

—Vegeto; e aproveito agora a occasião para dizer-te que a tua *prosa* tem dado volta ao miolo a muitas e bellas Zephoras cá da terra, com grande *ação* dos rapazes.

—Como assim?

—E' verdade! E' verdade! Continua, meu rapaz, que, a gostares de novidades, eu te prometto haveres breve cartel de desafio para um duello... duello a dente á meza de qualquer d'elles n'uma tarde de maio, seguido d'uma corrida á justa no baile da noite.

E, a rir, fomos rua acima em busca de parceiros para o *cavaco*, olhando de soslaio para as raparigas que passavam da missa, em companhia das *maternidades*, dizendo-nos com o tocar dos cotovellos quaes os typos que mais impressionavam e agradavam ao nosso paladar... desbotado talvez.

Encontramos no largo do Tribunal o Costa, que flaneava de mãos nas algibeiras do casaco de pelles, fumando um brejeiro, e fazendo tinar no chão as rosetas das esporas, que se intremetteu, sem tir-te nem guar-te, na conversa que traziamos, questão feminina, em que é leigo e ignaro, mas em que bedelha, depreciando, em contradicção aberta com todos.

—Da Rosa? E' da Rosa do Paulino, que fallaes? Não gosto.

—Então de que gostas tu? perguntei eu desesperado, porque era já o segundo que me apouquentava com gostos e ideias.

—Gosto, respondeu-me elle, que vive no mundo das charadas, ás turras com os logogriphos e de rixa velha com os enygmias, gosto de *na musica, caminhe, que é alimento*; uma e uma.

Ora o diabo do Costa!... antes gostasse d'outra coisa...

E fiquei teimoso, como sempre, preferindo a Rosa á fava, emquanto que elle rebocando o Alexandre por um braço, repetia:—*Uma e uma; uma e uma!*...

M. Legnar.

NOTAS LIGEIRAS

A MOCIDADE E O DESTINO

No mundo das letras, em que a corôa fulgurante da gloria vae cingir a fronte que passava curvada ante os livros da sciencia, desde que o sol em manto de purpura começa a dardejar o olhar suave de traz da encosta escaldada da montanha, até que a lua em manto de prata distende a vista saudosa do plumbeo espaço, apparece-nos de longe a longe, de envolta com o turbilhão medonho de centenas de livros com que dia a dia gemem os prelos, uma ou outra obra que vem prender-nos o olhar, ancioso d'alguma leitura que nos traga á lembrança que fallamos ainda o portuguez que tem como mestres Frei Luiz de Sousa e Bernardes.

Felizmente d'essa lucta gigantesca com a lingua patria ainda se nos depara, victorioso, algum combatente.

Esse, a fronte engrinalhada dos louros mais esplendurosos dos tempos modernos, vae, com passo firme, assentar-se nos degraus d'um throno fulgurantissimo cujo docel tem por nome—a Historia.

Refiro-me agora particularmente a uma d'essas obras que trazem «preoccupado o publico estudioso e imparcial» segundo uma asserção de *Amyntas* (*Successos* n.º 147.)

A Mocidade e o Destino, livro

interessantissimo e importante por que suspiravamos na pequena esphera d'uns volumes de tostão, surgiu enfim com todos os requisitos que ha tanto se idealisava.

O nome do seu auctor, o sr. Moysés Nora, seria já o sufficiente para ser recebido de braços abertos no campo da critica imparcial—elle que com a sua deslustrada, porém, trabalhadora penna (apresent. na *Moc. e Dest.*) «ousa rasgar os acanhados horizontes de intelligencia e elevar-se até ás luminosas espheras da litteratura e da sciencia, onde o seu nome, laureado pelo diadema da immortalidade, será um obelisco triumphal no campo do saber (*Amyntas*), se o sr. José Maria Ançã, exigindo-o os impulsos do reconhecimento, aos quaes espontaneamente se acurva e gostosamente se submete, prefaciando-o, o não apresentasse tão festejadamente no mundo litterario:—N'esse livro, assumptos varios se apresentam. O aspecto, porém, com que são tratados e a fórma ás vezes pouco elegante que as ideias reveste, denunciam frequentemente tibia vividez de phantasia, exiguidade de recursos philologicos, carencia de principios grammaticaes (para um professor... é forte!) e até irregularidade na dicção, que nem sempre é harmoniosa, original e propria, além de viciada, de espaço a espaço, por estrangeirismos inuteis e arrebi-ques postiços, insignificantes, banaes.»

Ditosa mãe, que á patria deu tal filho! Continua o sr. Ançã, citando Camões no prefacio:

«E', pois, uma estreia brilhantissima. Vergadas ao ciume que, talvez, minando-as pouco a pouco, as sepultará na algidez d'um tumulo sidereo, as deusas da Poesia, creio eu, já imploraram ao Deus misericordioso a immensa graça da sua transicção.

Mas forçosamente ha lucta: a Egreja portugueza disputa abertamente a posse do novel escriptor.

Julgo que Monsabré e o rival, mais que sublime traductor da *Exposição do Dogma Catholico*, o pensaram tambem.»

Pois Moysés Nora, pertence já para honra da Egreja, ao gremio sacerdotal (*Amyntas*).

E' com a maior imparcialidade que fallamos d'esse *arrojado e divinal escriptor*. Não vimos aquithurificar-lhe os merecimentos com o insenno da lisonja, mas a verdade e simplesmente a verdade impelle-nos a confessar bem alto quanto devemos esperar dos arrojados vãos do seu intellecto, no pulpito e no jornalismo, onde já tem conquistado auspiciosos triumphos.

Porém quando elle excedeu toda a expectativa dos seus admiradores foi no seu livro (sic!) a *Mocidade e o Destino*, onde se revella uma esperanza e uma gloria no porvir: alli divisam-se lampejos d'um criterio irrefragavel; alli os pensamentos e as ideias desencadeiam-se ora placida e brandamente nas azas da naturalidade, ora impetuosas como os vagalhões do pelago, deixam entrever n'aquella alma bem formada os germens embryonarios d'um homem de talento (*Amyntas*).

E' impossivel que alguém atravez da boa perspicacidade, note algumas imperfeições n'aquelle livro...—*não ha, não as tem.*

(Continúa)

NOTICIARIO

Praça de touros

Falla-se ha dias, muito em segredo, mas em que involuntaria-

mente penetramos, que será brevemente construida uma praça de touros no largo da Estação, d'esta villa.

A iniciativa parece, e acreditamos ter partido do nosso amigo Silva Cerveira, acreditado negociante.

Como pouco mais podemos adiantar, ficaremos hoje por aqui, desejando, todavia, que da iniciativa se passe á pratica e d'esta á conclusão.

A'vante! A'vante!

Para a capital

Partiu na segunda-feira para Lisboa, acompanhada de seu mano e nosso amigo Oliveira Vaz, a ex.^{ma} sr.^a D. Maria Benedicta Pinto Vaz e Silva.

Feliz viagem.

N'esse mesmo dia seguiu tambem para aquella capital, afim de fazer concurso para escrivão e tabellião, o nosso querido e velho amigo Antonio Augusto Freire de Liz, digno escrevente do ex.^{mo} sr. Eduardo Ferraz.

Que gose muito por lá e que, no regresso, o acompanhe uma approvação, é o que esperamos e desejamos.

Vaccina ás creanças

Em todas as quintas-feiras, começando hoje, proceder-se-ha á vaccina das creanças, na administração do concelho, ás 11 horas da manhã.

Passamento

Falleceu na sexta-feira o sr. José d'Oliveira Vinagre, abastado capitalista e honrado negociante, que foi, n'esta villa.

Pezames.

Eleição de jurados commerciaes

Terá logar no dia 22 do corrente e no salão do Tribunal, a eleição do jury commercial que tem de funcionar no Tribunal do Commercio, d'esta comarca, no anno corrente.

Julgamento

Antonio Sanches e Manoel Sanches, da Estação, presos nas cadeias d'esta villa, responderam no dia 10 do corrente em audiencia de policia correccional.

Lá pelos modos, os dois Herodes *escovaram* as costas do preso Manoel de Mattos, e por isso entendeu o sr. juiz condemnar o primeiro em 3 mezes de prisão correccional, levando-se em conta o tempo de prisão preventiva que havia soffrido, e mais para contrapezo, 8 dias de multa, na razão de uma nota de cinco vintens por dia, e ao segundo deu-lhe a pena por expiada.

Até no *xelindró* lhes appeteceu tocar *zabumba!*

Ahi téem a paga!

Aggressão

O Joaquim do Arraes, casado, cõrdoeiro, do logar do Paço, freguezia de Esmoriz, para provar a sua valentia, aggreuiu a *menina* Anna Gonçalves Faria, tambem casada, cordoeira, do mesmo logar e freguezia, quasi visinha.

A' *offendida* fizeram-lhe o respectivo exame directo, e, por sua muito livre vontade, está entregue

uma queixa no poder da justiça dos homens.

Consta-nos que a sr.^a Anna já se acha quasi restabelecida da *sóva*, e espera com toda a anciedade que o Codigo Penal remetta o seu *benfeitor* para a gaiola!

Excursão frustrada!

Que pena!

Por motivo da retirada para a capital do sr. Antonio Augusto Freire de Liz, que vae lá visitar o ministerio da justiça, a *troupe* de amadores que estava com muito boa vontade de fazer uma excursão até Ihavo, e dar no theatro d'alli um spectaculo no domingo proximo, já lá não vae, emquanto o sr. Freire de Liz, um dos amadores, se deixar embalar pela brisa suave da Avenida da Liberdade!

Que pena!

Muita saude, amigo; vá s. ex.^a estudando os *alfarrabios* para escrivão e tabellião, dê o seu passeio pelo Aterro, gose algumas horas da noite no café Martinho, exija do jury de exame uma coisa parecida com uma approvação, e regresso, porque a *troupe* cá o espera.

Por agua abaixo...

Lá se foi o *Pepino!*

Morreu no domingo, pelas 9 horas... Morreu no meio das mais acerbas agonias! Coitado!

Pobre de ti, *Pepino*, retiro unico dos teus freguezes... de palestra!

Ao enluctado proprietario, sr. Bastos, os nossos mais sentidos.

Paz ao *Pepino*, e guerra de morte ás cerverjas e gazozas que ainda permanecem, aqui e alli, pelo esquite do finado!

R. I. P.

Requiescat in pace!...

Morreu o *Pepino!!!*...

Chorae, irmãos! Que tenham livre curso as vossas lagrimas e que *berrem* bem alto os vossos soluços!...

Morreu o *Pepino!!!*

As musas envolveram se em luctuosos véos e Apollo derramou lagrimas da mais profunda saudade!!

No Olympo tudo é pranto, tudo é lucto, tudo é pesar!

Chorae, irmãos! Chorae sobre o cadaver ainda quente do malfadado *Pepino*, que passou d'esta para melhor!...

Quem diria que elle, na flôr da vida, quando lhe sorria um mar d'esperanças, havia de *esticar o pernil*, no meio dos mais dolorosos soffrimentos!

Infeliz *Pepino*, que partiste

... d'esta vida, tão cedo, descontente...

descança em paz, pobre morto, digno de melhor sorte!...

A tua memoria será immorredoura e atravessará immaculada os seculos vindouros!

i oetas que ainda não teem o bis-avô nascido hão de cantar-te dignamente, ó *Pepino*, e os seus poemas assombrarão os povos!!!

Descança! Descança, que sobre a fria lagea da tua sepultura cahirão ás *canadas* as lagrimas dos teus admiradores!

Requiescat in pace!!!

A' ULTIMA HORA

Consta que o *Pepino* morreu d'uma indigestão de *pato com arroz*.

Foi seu medico assistente o sr. dr. Kagaçal.

*

O enterro, na segunda á noite, foi concorridissimo.

Pegaram ás borlas os srs. Francisco Valle, Gomes Netto, Gomes Dias e Oliveira Vaz.

Fechou o caixão o sr. Angelo de Lima.

Foram depositadas sobre o fetro as seguintes corôas:

Do sr. Gomes Pinto, uma de cebolas e flôr de couve, com a seguinte dedicatória:—«Ao pae Pepino, o seu dilecto filho».

Do sr. M. Quadros outra de alhos e favas, com a seguinte dedicatória:—«Ao meu inolvidavel amigo da busca de 3».

Fallaram á beira da sepultura os srs. Ernesto de Lima, Freire de Liz e Francisco Marques.

Foram muito eloquentes!!!

Impressão geral na villa.

Ha lucto rigoroso.

Vae abrir-se uma subscrição para se erigir um monumento á memoria do illustre finado.

Consta-nos que a commissão já encarregou para esse fim o abalizado escultor, o sr. Luzes.

CHRONICA

Acabou-se!...

Gosar em quanto é tempo, dizia o meu avô, que lá está no céu, empregado, como prefeito, no collegio dos Anjos.

Na segunda-feira, que Deus haja, de manhã e á porta do «Pepino», nas Pontes, segredavam 3 amigos meus.

Distanciava d'elles quatro passos, distraído, a tragar o fumo d'um paivante.

Passados minutos, fui despertado por uma voz que, muito chegada ao meu ouvido esquerdo, disse: «A's 3 horas em ponto d'hoje lá estarei, eu F. e F., com um carro ás tuas ordens, para irmos *faire un retour de promenade* pela estrada de S. Vicente fóra. Tu acompanhas, como sempre, cá os amigos, hein?»

Pois sim—respondi, titubiando de contente. Eu cá para esses *incomodos* estou sempre... na apumada!

E estou, caro leitor; lá isso é verdade. Para coisas de pandega sou (modestia á parte) *um barra!*

De facto, á hora aprasada fui chamado pelo *lacaio* do carro triumphante.

Não demorei meio minuto a arranjar a minha *toilette* (termo apaixonado e em uso do sr. A. de L. da luva preta); peguei do chapéu branco, á marialva e do bengallão de jornalista, localista, chronista, intrujão, massador, etc., etc., dirigi um rapido golpe de vista á minha tísica carteira e...

Que linda tarde! Quatro pontos, quatro anjos, commodamente repimpados nos assentos almofadados da carripana, em palestra alegre, propria da idade e occasião, seguiam pela matta de S. Vicente.

Que linda tarde!

Estamos distantes ainda de... Não—respondeu *tout-à-coup* o imbecil cocheiro.

Não, senhor!—disse, melindrado na minha dignidade de fidalgo!

Olhava eu para o céu, contemplava as estrellas e o pensamento ia fixo na imagem da minha bella, quando um solavanco inesperado quasi me fazia beijar as pedras da estrada. A carroça voava; os amigos riam-se de mim, riam-se da minha abstracção. Perguntei o motivo da *galhofa*, reparei para os lados vi casas, muita gente: estavam em Oliveira d'Azemeis e seguiamos para o Calvario.

O manto pardacento que antecede a noite começava a desenrolar-se. Eram 7 horas. O cocheiro desengatava os cavallos, dandolhes sôpas de vinho, e nós, os forasteiros, consumia-mos, com toda a sofreguidão, uma travessa de pescada cozida.

Regressamos.

Noite formosissima! A lua, confidente inviolavel das almas apaixonadas... como a minha!, espargia pela terra os seus fios de prata; a aragem era mórna e suave; quebrava o silencio d'aquella amplidão, o continuo barulho produzido pelo movimento do carro. A alegria via-se escripta em todos os semblantes.

Proximo da Santa Luzia dei ordem para uma pequena paragem.

Uma leve indisposição estomacal fez-me beber, contra vontade minha, em calix, dois foram elles, de genebra. Senti-me melhor.

Vamos lá *lacaio!*—disse:

O que eu fiz d'alli até Ovar, meu Deus, o que fiz!

Ai, tempo das amóras, tempo das amóras!

A torneira da minha cabeça abriu-se: comecei a discursar á lua! Os meus amigos benzeram-se com a mão esquerda 3 vezes e disseram, em voz baixa mas que, para mim, não passou imperceptivel: «Que eloquencia!!!» dizia outro: «E' verdade, que eloquencia!!!» e outro ainda: «Se José Estevão e Rodrigo da Fonseca Magalhães não dormissem no tumulo, ao ouvir, ao ter o prazer d'ouvir isto, curvavam-se e diriam: «Eu te saúdo, eu te admiro, eu beijo os teus pés, ó rei dos palradores asnaticos, ó 2.º Francisco José Machado, ó tu *quo quell!*»

Cheguei a Ovar, dormia já, cansado de tanto dar á lingua.

No dia immediato acordei com securas na bocca, mas sempre fui dizendo:

Acabou-se!...

Gosar em quanto é tempo. (Lição do meu avô).

Jayme.

CORRESPONDENCIAS

Lisboa, 15 de maio

O tal emprestimo de que fui encarregado pelo meu amigo Pancrácio das Necessidades, de tal modo me absorveu o tempo, que me vi na dura necessidade de encarregar o sobredito Pancrácio da correspondencia passada. E o que é mais, encarregal-o-hia hoje de novo, se não receiasse massal o muito.

Imaginem que recebi hontem um *ultimatum* do meu namoro cá da capital, que me transtornou completamente o miolo! Nem sei como tenho forças para empunhar a penna!

Eis o *ultimatum*:

«Ex.º Sr.

Tem esta por fim rogar-lhe a fineza de me enviar as minhas cartas, para eu lhe enviar as suas. O procedimento de V. Ex.º veio corroborar as suspeitas que eu de ha muito nutria. Resta-me a consolação de me não ter illudido.

De V. Ex.º

...»

E que tal está a brincadeira? Se Ravachol me dirigisse uma carta prevenindo-me de que brevemente me faria ir pelos ares, não me deixaria tão fulminado!

Enviar-lhe eu as cartas, alcançadas com tanto suor, que me custaram um bom par de meias solas... N'essa não cáio eu! E' esta resolução inabalavel que me dá forças para vos escrever.

Ando magro, perdi o appetite, a ponto de hoje ao almoço comer como um alarve.

E' esta a noticia de mais sensação que tinha para vos dar. Outras ha de somenos importancia, que passo a narrar-vos:

—A minha gentilissima pèra progride a olhos vistos, e dá muitas esperanças.

—O meu substituto passa sem novidade na sua importante saude, e tem andado hoje devéras arreliado por não poder ir á tourada que se realisa hoje em Cintra. Coitado! Eu tenho muita pena, sobretudo por não poder ir tambem, porque para mim não ha divertimento algum que se possa comparar a uma tourada. Como o mal não tem remedio, irei esta tarde dissipar em parte estas tristezas na Avenida, envolver-me nos mil sorrisos do bello sexo, e nos aromas do pó d'arroz e essencias mil, e ao mesmo tempo tentarei fazer as pazes com a minha bella, o que não ha de ser nada facil.

—O calor vae-nos apouquentando bastante, e o que nos tem valido, a mim e ao meu amigo Pancrácio, é um famoso *elixir* que ha poucos dias lhe chegou de casa.

—Aquelle *bijou* de M. Folha, que vinha publicado no penultimo numero da *Folha d'Ovar*, teve aqui uma recepção entusiasta, e consta que vae ser traduzido em todas as linguas.

Mais uma gloria para Ovar.

Pena é que o nosso amigo Gomes Dias não nos mimoseie tambem com as suas cantiguinhas populares, porque seria bem acolhido, principalmente pelo bello sexo.

—Cá na cidade de marmore e de granito, que eu saiba, nada mais tem occorrido digno de mencionar-se, e por isso ponho ponto final.

Semog.

Coimbra, 15 de maio

Caras patricias

Lá se foram elles... deixando saudades, lagrimas e corações apaixonados n'este valle de sciencia, onde já não reverbera a alegria e a fina piada, onde já não se vê ostentar garbosamente a capa e batina.

Uma completa aldeia, Coimbra! E quem pensaria que esta cidade, em plena primavera, no mez das flores e dos encantos, se havia de mergulhar materialmente em ondas de aborrecimento e de tedio, quando as avesinhas arremessam á viração os seus maviosos e doidos trinados, quando a natureza toda verdura é perfumada pelas exhalacões odoríferas dos campos que a brisa espalha por todos os cantos!

Pelas ruas já se não ouve o rumor de ha poucos dias e nem se vê o fervilhar de almas novas e expansivas á cata d'uma terna olhadella.

O silencio apenas é rompido pelos latidos d'algum *cão*, não sei se á lua ou ao vento, mas n'este caso é a pedir logar nas suas azas, para ir para a terra da sua naturalidade; e pelo melancolico gargantear das sopeiras, porque em cada verso parece vêr-se os seus corações assarem-se na caçarola da saudade. Muito desejava que os academicos viessem incognitos, ouvir o canto que os mimosos labios d'ellas transmittem em ondas sonoras para os confins da immensidade.

Então sentiriam a melodia d'uma voz avelludada ferir-lhes a membrana do tympano com esta quadra:

«Aqui não ha quem venda
Um limão por um vintem,
Para lavar uma nodosa
Que o meu coração tem.»

E não haver uma alma caridosa que restitua a alegria a estes pobres corações!

Se eu fosse o Zé Dias mandava-lhe um cento de limões e uma pipa de benzina.

Amigo Zé, dá-me licença para te fazer uma pergunta innocente? Nos teus tempos de academico...? não torças o nariz, que eu de maneira nenhuma te quero perguntar qual era o sabor que achavas na prova dos caldos nas *republicas* dos teus collegas... mas, como ia dizendo, nos teus tempos de academico sentiste alguma vez comichões no coração?

Pondo de parte os corações que a esta hora se estão a esturrar na caçarola, passo a *outro assumpto*.

—Um meu amigo de Lisboa, diz-me n'uma carta curiosa e intima, que o reitor intitulára o relatório, acerca do conflicto academico, que apresentou ao governo, do modo seguinte:

A academia e as minhas *saliencias*. E que principia assim: «Saibam todos os que não lerem este relatório, que a esplendorifica academia diz: que as minhas *saliencias* carolacias eclipsam todas as reminiscencias do seu symbolico fóro, e etc., etc., etc., terminando por dizer: altos dotes de preclarissima concrecibilidade me impellem a rasgar em letras d'ouro branco còr de tinta, este pyramidal relatório no desopilado nephelibatismo.

Numa nota o meu amigo dizia-me que não tinha percebido nada; pois eu entendi; e seria uma vergonha para a escola nephelibata, se um dos seus membros não comprehendesse os artigos que d'ella dimanam.

Tem-se reunido por varias vezes no Paço das Escólas da Universidade, o conselho de decanos.

As sessões tem sido bastante demoradas.

Por maiores que foram as minhas diligencias, para saber quaes as resoluções tomadas, nada pude averiguar.

Corre o boato de serem riscados uns 30 estudantes como cabeças do conflicto.

Hoje dizia se na Baixa que o governo mandara abrir as aulas da Universidade no proximo dia 17.

Creio que não tem fundamento este boato.

Está infelizmente mais grave dos seus pdecimentos o nosso illustre patricio dr. Anthero Cardoso.

Desejamos-lhe promptas melhoras.

Chinfradas e Catota.

A' ULTIMA HORA

Coimbra, 16.

A *Ordem* publica hoje o seguinte supplemento:

Solução do conflicto academico

Hoje pela 4 hora da tarde reuniu no Paço das Escólas, sob a presidencia do sr. conselheiro reitor da Universidade o conselho de decanos para lhe ser communicada a solução que o governo de Sua Magestade deu ao conflicto academico. De harmonia com o decreto que amanhã apparecerá no *Diario do Governo*, o sr. reitor mandou affixar o seguinte

EDITAL

O doutor Antonio dos Santos Viegas, do conselho de Sua Magestade, reitor da Universidade de Coimbra, etc., etc.

Em cumprimento das ordens que recebi do governo de Sua Magestade faço saber o seguinte: Os estudantes que faltaram ás aulas nos dias 6 e 7 do corrente, podem apresentar na secretaria da Universidade, dentro do prazo de 10 dias, por si ou por outrem, requerimentos por elles devidamente assigna-

dos, ou por seu bastante procurador, em que peçam a justificação da falta ou faltas dadas com o fundamento de terem sido casuaes, ou motivadas por coacção ou receio de violencia. Estes requerimentos podem ser instruidos com quaesquer documentos e com rol de duas testemunhas, que serão inquiridas por quaesquer membros da respectiva faculdade por ella nomeada para que este serviço possa ter prompto andamento.

Seguirão seus termos as justificações á proporção que forem requeridas, e serão julgadas as faltas pelos conselhos das faculdades, á medida que se forem concluindo as justificações.

Aos conselhos das faculdades em que forem julgadas estas faltas presidirá o vice-reitor da Universidade, ou quem suas vezes fizer, assim como deferirá a todo o expediente da competencia dos prelados, n'este serviço.

Findo o julgamento das faltas o Prelado declarará immediatamente abertas as aulas da Universidade, e continuarão os trabalhos academicos que poderão prolongar-se por todo o mez de agosto, pelo tempo que fór preciso para compensar a perda resultante da interrupção das aulas.

E para que chegue ao conhecimento de todos mandei affixar este edital e determino que se lhe dê a maxima publicidade.

E eu Antonio Augusto Cerqueira Coimbra, secretario, o subscrevi.

Paço das Escólas, 16 de maio de 1892.

O reitor,

Dr. Antonio Augusto dos Santos Viegas.

SECÇÃO CHARADISTICA

CHARADAS NOVISSIMAS

(A GONÇALVES PEREIRA)

- Vi n'um jornal que em Noruégia ha um homem—1, 1
- Esta mulher não é feia ser mulher—2, 2
- Não é boa, porque corre para um homem—2, 2
- Affirma este instrumento, se é parente e afeição—1, 1, 2
- E' ditosa e não é feia esta mulher—2, 2
- O altar é uma nota na lavoura—2, 1
- Este appellido na musica é parente—2, 1
- Esta conjunção, sem companhia, foi na Polonia um poeta grego—1, 1, 1
- Na musica e na mulher ha um homem—1, 1
- Mulher, mulher, mulher—2, 2
- Ois, 15-5-92.

Americo Rocha.

ANNUNCIOS

Agradecimento

Os abaixo assignados summamente penhorados pelas provas de amizade que lhe deram os seus numerosos amigos por occasião da morte do seu chorado irmão, cunhado e tio o sr. José de Oliveira Vinagre, vem confessar-se agradecidos a todas as pessoas que compareceram ou se representaram nos funeraes, no dia 14 do corrente.

- Ovar, 17 de maio de 1892.
- Gracia Lopes dos Santos Victoria
- Padre João d'Oliveira Saborino
- Manoel Marques Valente
- Gracia Lopes dos Santos
- Affonso José Martins
- Antonio d'Oliveira Leite
- José Maria Dias de Carvalho (ausente)
- Manoel Dias de Carvalho (ausente).

ANNUNCIOS JUDICIAES

EDITOS

(2.ª PUBLICAÇÃO)

Na comarca d'Ovar, es-
crivão Ferraz, correm editos
de 30 dias, a contar da se-
gunda publicação d'este an-
uncio, citando Francisco
d'Oliveira Manarte, casado,
residente em Lisboa, Manoel
d'Oliveira Manarte, por si,
e como representante de seu
filho Antonio Maria, menor
impubere, residentes na mes-
ma cidade, e Gracia de Sá,
casada, residente no Porto,
todos em parte incerta; e bem
assim os credores e legata-
rios desconhecidos ou resi-
dentes fóra da comarca, para,
no inventario de menores por
obito de Manoel Pereira Ma-
narte, da Ponte Nova, d'esta
villa, cumprirem com o dis-
posto nos §§ 3.º e 4.º do ar-
tigo 696.º do Cod. do Proc.
Civ.

Ovar, 7 de maio de 1892.
Verifiquei.

Salgado e Carneiro.

O escrivão,

Eduardo Elysió Ferraz de
Abreu. (17)

EDITOS

(2.ª PUBLICAÇÃO)

Pelo Juizo de Direito da
comarca d'Ovar, e cartorio
do escrivão Ferraz, correm
editos de 30 dias a contar
da segunda publicação d'este
annuncio no *Diario do Gover-
no*, citando os credores e le-
gatarios desconhecidos ou re-
sidentes fóra da comarca, pa-
ra deduzirem os seus direitos
no inventario orphanologico
a que se procede por falleci-
mento de José Valente Pe-
reira, morador, que foi, no
logar de S. João, d'esta fre-
guesia d'Ovar, nos termos
do § 4.º do artigo 696.º do
Cod. do Proc. Civ.

Ovar, 6 de maio de 1892.

Verifiquei.

O juiz de direito,

Salgado e Carneiro.

O escrivão,

Eduardo Elysió Ferraz de
Abreu. (18)

Arrematação

(2.ª PUBLICAÇÃO)

No dia 29 do corrente,
por meio dia e á porta do Tri-
bunal da comarca, sito na

Praça, d'esta villa, se ha de
proceder á arrematação da
quarta parte de uma proprie-
dade de casas altas, sita na
Praça, d'esta villa, que todo
o predio confina do norte
com Maria Pereira de Re-
zende, e sul com Semião
d'Oliveira Corrêa, avaliada,
a dita quarta parte, em
302,800 réis, para ser en-
tregue a quem mais der so-
bre este valor.

A esta arrematação se pro-
cede a requerimento do cre-
dor preferente Antonio José-
cabo da guarda fiscal, resi-
dente na Costa do Furadou-
ro, na execução hypothecaria
que Maria Pereira de Rezen-
de, solteira, da rua da Fon-
te, moveu contra João An-
selmo José de Lima e mu-
lher, e outros da Praça, d'es-
ta villa.

Ovar, 7 de maio de 1892.

Verifiquei.

O juiz de direito,

Salgado e Carneiro.

O escrivão,

Eduardo Elysió Ferraz de
Abreu. (19)

EDITOS

(2.ª PUBLICAÇÃO)

Pelo Juizo de Direito da
comarca d'Ovar, escrivão
Sobreira, correm editos de
trinta e sessenta dias, a con-
tar da segunda publicação
d'este annuncio no *Diario do
Governo*, citando, pelos pri-
meiros—os credores e legata-
rios desconhecidos ou resi-
dentes fóra da comarca, para
deduzirem os seus direitos
no inventario d'ausentes, a
que se procede por obito de
Domingos Pereira Leal, que
foi do logar d'Azevedo, fre-
guesia de S. Vicente, d'esta
comarca, e pelos segundos—
os interessados João Pereira
Leal, Manoel Pereira Leal,
ambos solteiros, maiores, e
Antonio Pereira Leal e mu-
lher Maria Tavares de Gou-
vêa, ausentes em parte incer-
ta, no Brazil, para assistirem
a todos os termos até final
do dito inventario, sem pre-
juizo do seu andamento, nos
termos dos §§ 3.º e 4.º do
artigo 696.º do Cod. do Proc.
Civ.

Ovar, 8 de maio de 1892.

Verifiquei.

Salgado e Carneiro.

O escrivão,

Antonio dos Santos Sobreira.

(20)

Arrematação

(2.ª PUBLICAÇÃO)

No dia 29 do corrente,
por meio dia e á porta do
Tribunal da comarca, sito
na Praça, d'esta villa, por
deliberação do conselho de
familia no inventario de me-
nores, a que se procedeu por
fallecimento de Antonio dos
Santos Gesta, morador, que
foi, na rua da Fonte, d'esta
villa, se ha-de proceder á ar-
rematação de duas quartas
partes d'uma morada de ca-
sas terreas, com quintal e
mais pertenças, sita na rua
da Fonte, d'esta villa, e bem
assim de duas sextas partes
das bemfeitorias feitas no
mesmo predio; e vão á pra-
ça as ditas partes do predio
e bemfeitorias, no valor de
130,482 réis, para serem
arrematados e entregues a
quem mais der sobre este
valor.

Ovar, 9 de maio de 1892.

Verifiquei.

O juiz de direito,

Salgado e Carneiro.

O escrivão,

Eduardo Elysió Ferraz de
Abreu. (21)

EDITOS

(1.ª PUBLICAÇÃO)

Pelo Juizo de Direito da
comarca de Ovar, e carto-
rio do escrivão Ferraz, cor-
rem editos de 60 e 30 dias a
contar da segunda publica-
ção d'este annuncio, citando,
pelos primeiros, os interessa-
dos Manoel da Cruz, casado,
residente para os lados do
Porto, Antonio Marques, ca-
sado, José Marques, casado,
ausentes no Brazil, e todos
em parte incerta; e pelos
segundos, os credores e le-
gatarios desconhecidos, resi-
dentes fóra da comarca, para,
no inventario de menores a
que se procede por obito de
João Marques, do logar da
Ervideira, freguezia de Val-
lega, cumprirem com o dis-
posto nos §§ 3.º e 4.º do ar-
tigo 696.º do Codigo do Pro-
cesso Civil.

Ovar, 16 de maio de 1892.

Verifiquei.

O juiz de direito,

Salgado e Carneiro.

O escrivão,

Eduardo Elysió Ferraz de
Abreu. (22)

PROFESSOR

Francisco Rodrigues do Valle,
estudante do 1.º anno juridico,
abriu no primeiro de maio, na
sua casa, rua do Outeiro, o seu
curso de instrucção primaria, fran-
cez, portuguez, litteratura, latim,
geographia, historia, physica, chi-
mica e historia natural, mathema-
tica (1.ª parte) e philosophia.

AVISO

AO

PUBLICO

Arnaldo Augusto da Silva
Moura participa ao respeita-
vel publico em geral e aos
seus amigos e freguezes que
acaba de abrir um atelier de
alfaiate, no largo da Praça,
n.ºs 35 e 36, Ovar, no qual
se fazem fatos promptos a
vestir de magnificas fazendas,
desde o preço de 4,500 até
20,000 réis; assim como se
encontra um grande e varia-
do sortimento de fatos feitos
tanto para homem como para
creança.

No mesmo estabelecimen-
to se faz um fato completo
em 12 horas, responsabili-
sando-se pelo bom trabalho
e boas fazendas, tendo para
isso um pessoal habilitado.

Preços extremamente ba-
ratos para adquirir fregue-
zia.

Aos srs. viajantes

Appareceu hoje á venda
em todas as livrarias um pe-
queno folheto cujo prestimo
está declarado no seu titulo,
*Guia auxiliar para as via-
gens de excursão em todas as
linhas ferreas de Portugal*,
com itinerarios escolhidos á
vontade dos passageiros.

Custa este folheto a insi-
gnificante quantia de 60 réis,
e é revisto pelo engenheiro
o ex.º sr. F. Perfeito de
Magalhães, e editado pelos
prestimosos e bem conheci-
dos livreiros-editores Guil-
lard, Aillaud & C.ª

Em Ovar, vende-se em ca-
sa de **Silva Cerveira**.

NOTAS DE EXPEDIÇÃO

PARA ENCOMENDAS

FEITAS PELA

COMPANHIA REAL

DOS

Caminhos de Ferro Portuguezes

Impressas nitidamente em
bom papel. PREÇOS, por
milheiro, muito rasoaveis.
Ha sempre grande deposito
na

Imprensa Civilização

Largo da Pocinha, 73 a 77

PORTO

CASA

Vende-se na rua
do Pinheiro uma
pertencente a D.
Julia E. Dias de
Lima. Tem quintal
e poço.

Noções Praticas de Tachygraphia

Foi agora publicado sob
este titulo um methodo de
tachygraphia, escripto pelo
nosso collega da *Folha do Po-
vo* J. Fraga Pery de Linde,
tachygrapho da camara dos
pares, que o dedicou espe-
cialmente a jornalistas e es-
tudantes.

A edição é da casa Guil-
lard, Aillaud & C.ª, e custa
apenas 200 réis.

Vende-se em casa de **Silva
Cerveira—Ovar**.

As noções praticas da ta-
chygraphia devem ser adqui-
ridas por todos os que dese-
jarem aprender a fórma de
tomar rapidamente quaesquer
apontamentos.

Manaus, Pará, Maranhão, Ceará,
Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos
e outros portos do Brazil



Vendem-se passagens a preços muito reduzidos para
todos aquelles portos dos Estados Unidos do Brazil.

Tambem se dão passagens gratuitas para os portos aci-
ma mencionados a individuos solteiros, homens ou mulhe-
res e familias inteiras, ficando livres de quaesquer compro-
missos e podendo á sua vontade empregar-se em qualquer
trabalho e residirem onde quizer.

Vendem-se tambem a preços commodos passagens pa-
ra os diversos portos da Africa Portugueza, Occidental e
Oriental.

Preparam-se todos os documentos necessarios e aprom-
ptam-se gratuitamente.

Dos seus amigos e freguezes esperam os abaixo assi-
gnados, agentes das companhias, se lhes dirijam para obter
qualquer passagem.

Os agentes em Ovar,

Antonio da Silva Nataria

Antonio Ferreira Marcellino.

Porto—IMPRESA CIVILIZAÇÃO—Largo da Pocinha, 73-77